

MANUEL BANDEIRA EM JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

Maria Aparecida Ribeiro

Universidade de Coimbra/ Centro de Literatura Portuguesa

Resumo: Manuel Bandeira, poeta brasileiro, teve sua obra divulgada em Portugal e colônias africanas desde os anos 30 do século XX. “Pasárgada” foi um de seus poemas mais glosados, tanto pelos portugueses como pelos africanos de língua portuguesa. José Blanc de Portugal, poeta de grande cultura, sibyllinamente questionador, foi um dos que dialogou com “Pasárgada”, mas não só: também o fez com o “Poema tirado de uma notícia de jornal”.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; José Blanc de Portugal; Pasárgada; Poema tirado de uma notícia de jornal; paródia.

Abstract: Manuel Bandeira, a Brazilian poet, had his work divulged in Portugal and African colonies since the 30'ies of the 20th century. "Pasárgada" was one of his most glossed poems, both by the Portuguese as well as by the Portuguese-speaking Africans. José Blanc de Portugal, a poet of great culture, sibyllinely questioning, was one of those who dialogued with "Pasárgada", but not only: he also did it with the "Poema tirado de uma notícia de jornal".

Keywords: Manuel Bandeira; José Blanc de Portugal; Pasárgada; Poema tirado de uma notícia de jornal; parody.

1 Um homem aberto ao mundo, um poeta aberto à poesia

José Blanc de Portugal (1914-2000), formado em Ciências Geológicas pela Universidade de Lisboa, onde cursou também História da Música e Psicologia, era pessoa de múltiplos interesses e, como se verá, de sete instrumentos: exerceu a função de meteorologista em Cabo Verde, Angola, Moçambique, Açores e

Lisboa; foi crítico musical; tradutor de Truman Capote, Gilbert Keith Chesterton, Carlo Coccioli, T. S. Eliot, Christopher Fry, Jung, Pitágoras, Shakespeare, Fernando Pessoa; dirigiu, juntamente com Tomás Kim e Ruy Cinatti, a primeira série dos *Cadernos de Poesia* (1940), e, com Jorge de Sena, Rui Cinatti e José-Augusto França, a segunda série (1951). Colaborou em algumas das mais representativas publicações poéticas dos anos 50, como, por exemplo, *Aventura, Graal, A Serpente, Litoral e Tempo Presente*. Do início aos meados dos anos 70, foi Adido Cultural Adjunto da Embaixada de Portugal no Brasil, tornando-se um amante do Rio de Janeiro, que fez questão de conhecer nas várias dimensões culturais — dos cordelistas e xilogravadores da Feira de São Cristóvão, das igrejas de Santa Rita, Nossa Senhora Mãe dos Homens, N. Sra. do Rosário e São Benedito, passando pelo Amarelinho, pela Colombo e pelo Albamar, por Mme. Satã e pelo Cordão do Bola Preta, até as publicações dirigidas aos professores do Ensino Fundamental, produzidas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, e a Universidade.

Eugénio Lisboa diz, numa crítica a *Descompasso*, livro saído em 1986, que o poeta e também cientista é “homem pluralmente culto e sibilamente questionador” e que

Simultaneamente densa e rica, hostil e atraente, difícil e provocante [...] a obra de José Blanc de Portugal estará sempre um pouco condenada à desatenção de muitos, à atenção de poucos e, dolorosamente, à hostilidade de quase ninguém. Estranho, ambíguo destino de um corpo poético denso e tenso como raros. (Lisboa, 1989: 77)

No entanto, o crítico, perguntando-se se está sendo injusto, acha que a partir da página 49 de *Descompasso*, obra, aliás, premiada, o poeta escorrega para exercícios “um pouco estéreis” (Lisboa, 1989:78). É que certamente, apesar de conhecê-la, não percebeu dessa vez a “cifra” sibilina de José Blanc de Portugal, um carioca em “estado de espírito, como diria Vinicius de Moraes.

Entre esses poemas estão vários que criticam de forma “encapotada”, mas ferina, os programas da Secretaria Municipal de Educação, mas também está o “*Confessio quam utilis. Catecismo do Concílio de Trento*”, que Blanc datou de “Sábado, 13 de Dezembro de 1975; 15 h e 33m do tempo local do Rio de Janeiro...”, e onde afirma:

Não me envergonho de passar por ser já carioca
na imagem dos que o não são: mandrião, apaixonado, amado e traído.
Só não demasiado esfomeado ou duro
me envergonho, sim,
por não ser como eles tão humanos
tão naturalmente impuros [...] (Portugal, 1986: 81)

Seguindo o lema dos *Cadernos de Poesia* — “Poesia só uma” — José Blanc de Portugal tanto dialogou com os cordelistas, como com Tobias Barreto, Gonçalves Dias e Manuel Bandeira, de quem era admirador muito antes de chegar ao Brasil, pois a poesia do recifense já estava bastante difundida em Portugal, publicada que fora em diversas revistas, pela divulgação que dela fizera Ribeiro Couto, uma espécie de embaixador de nossa literatura em terras lusas. Aliás, o poeta português, numa carta que me enviou, contava, com grande contentamento, ter conseguido comprar *O Guia de Ouro Preto*, numa edição encadernada. Do diálogo poético de José Blanc de Portugal com Manuel Bandeira tratará o presente artigo.

2 Os sucessos de “Pasárgada”

Se há um poeta brasileiro que encontrou eco em Portugal — e também nos países africanos lusófonos — foi Manuel Bandeira. Algumas motivações são claras: ele representava ao mesmo tempo uma libertação temática e linguística, com relação à poesia de Portugal, e uma reverência a alguns poetas portugueses (nomeadamente Camões e Antônio Nobre, mas também Eugênio de Castro, D. Dinis, Gil Vicente, Sá de Miranda, Bocage, Garrett, João de Deus, Junqueiro, Cesário Verde, Eugênio de Castro, Sá Carneiro, Pessoa, Teixeira de Pascoais); a formas poéticas usadas na literatura portuguesa (o solau, a balada...); e ao próprio Português europeu, fato que, aliás, fica muito claro na correspondência trocada com Mário de Andrade.

Esta mesma revista, *Brasil/Brazil*, já publicou, em seu número 49 de 2014, parte de uma investigação que venho realizando em torno da recepção que os poetas portugueses tiveram na lírica de Bandeira e daquela que a poesia de Manuel Bandeira obteve nos poetas portugueses. Nesse texto, chamou-se a

atenção para o número 9 de *Távola Redonda: folhas de poesia*, saído em 1950, onde a palavra Pasárgada, do muito conhecido poema de Bandeira seria o mote em torno do qual escreveriam David Mourão-Ferreira (“Nos arredores de Pasárgada”); Fernando Simões (“A descoberta de Pasárgada”); Daniel Felipe (“O mito pasargadiano”); Luiz de Macedo (“Pasárgada, cidade eternal”); João Belchior Viegas (“As condições econômicas de Pasárgada”). Também se comentaram “S. Romão” — poema que tem como matriz o “Vou-me embora pra Pasárgada” e que Armindo Mendes de Carvalho incluiu em seu *Camaleões & Altifalantes* (1963) — e um poema de Cutileiro, publicado no *Jornal de Letras*, em que ele escreve “Na Pérsia / Irão / Pasárgada / Já quer ser republicana” (Cutileiro, 1990: 26). É verdade que “Pasárgada” não foi o único poema bandeiriano a ser glosado em Portugal, mas uma grande incidência de seu sucesso e penetração ficou evidente.

Se em abril de 1958, parece que apenas o moçambicano Rui Knopfli a entende como “Terra de Manuel Bandeira”, em poema publicado na *Mensagem* nº 5, em Cabo Verde, desde os anos 30, ocorre um grande, aliás, o maior número de interlocuções em África: se, na primeira metade do século XX, pasargadismo chegou a ser entendido como evasionismo, dando origem a um antievasionismo (antipasargadismo), que distinguiria os poetas da *Claridade* (principalmente Oswaldo Alcântara¹) dos da *Certeza* (basicamente Ovídio Martins), no pós-independência, podemos ver Filinto Elísio, em “A poesia do reverso”, apontando o tempo de Pasárgada como um tempo superado (Elísio, 1991: 218); José Antônio Lopes, no poema “Da Pasárgada a U.R. Kassdins”, que dedica “a todos os beatos”, coloca Pasárgada entre os espaços míticos que devem ruir no momento apocalíptico que, como vidente, descreve, conclamando: “Que empeste o fogo do sacrifício / que desabe o transversal da pasárgada / e boceje o

¹ Pasárgada foi certamente a palavra-ideia mágica de Bandeira, que, transmigrada para o poeta Alcântara, mais fértil se fez. Em 1946, ele publicou na revista *Atlântico*, o seu “Itinerário de Pasárgada”, que, depois, com o título de “Saudade de Pasárgada”, vem a constituir, com outros quatro poemas (“Passaporte para Pasárgada”, “Balada dos companheiros para Pasárgada”, “Dos humildes é o reino de Pasárgada”, “Evangelho segundo o rei de Pasárgada”) uma seção de *Cântico da Manhã Futura* (1986). Pasárgada também aparece em “Há um homem estranho na multidão”, onde o cabo-verdiano a aproveita como espaço de sonho, planeta esquisito, país em que o homem não se sente estrangeiro. E, sem ser mencionado uma única vez, o reino de Pasárgada se constrói na “Rapsódia da Ponta da Praia”, publicado no nº 5 de *Claridade* (1947).

cemitério das bruxas / na hora em que o cemitério exalar um bafo / de defuntos sobre o mundo fétido / dos poetas... Amém ...” (Lopes, 1993: 17).

Já Yolanda Morazzo retoma a necessidade da evasão, não apenas de Cabo Verde, mas do mundo, em “Fuga ao Diabo”, poema de julho de 2004, onde elenca os nomes de vários inconformados com o mundo em que viveram. Se Pasárgada é o lugar para onde emigra Bandeira, para fazer o que a tuberculose não lhe permitiu, Yolanda, sem dizer para onde vai, procura sair do planeta, “antes da privatização do espaço”, para recuperar a “sanidade mental”. Aludindo às guerras do petróleo e à interferência dos Estados Unidos, ela foge da “sonda de ‘bush’” e substitui por Sherazade (cf. Morazzo, 2006: 350-351) a mãe-d’água, que em Pasárgada contaria ao poeta as histórias narradas por Rosa ao Bandeira-menino.

Mário Lima, em *Minhas Aquarelas no Tempo e no Espaço* (2005), vendo as belas mulheres presentes na “casa de Nicha”, no “Festival na Boa Vista”, conserva a ideia bandeiriana de espaço mítico, embora apenas pela presença e sensualidade femininas, mas não recusa ou reforça a ideia de evasão, como ocorre com os restantes autores cabo-verdianos, quando torna Pasárgada sinônimo do Éden e do Olimpo, ao perguntar-se onde está (Lima, 2005: 162-165).

Antônio de Névada, no poema “Cânone Silábico ou Uma Canção de Amor”, para “desencantar a dor”, renuncia aos espaços de evasão: “Raios partam Pasárgada / e as suas Musas” (Névada, 2008: 248). Armênio Vieira, participante da página literária *Sêlô* (que pretendeu manter viva a chama dos claridosos), em “Derivações”, cria uma série de animais fantásticos, citando Pasárgada como espaço de alienação e lugar ideal para andar de burro². Hopffer Almada, sob o pseudônimo de Nzé di Sant’y Agu, escrevendo em 2007, “Parábola sobre o castanho sofrimento”, diz de seu desejo de encontrar Pasárgada dentro de Cabo Verde. Ela será, num claro desejo de antievasão, mas também um espaço de

² É de lembrar que um dos sonhos concretizados por Bandeira em Pasárgada é andar de “burro brabo”. Diz assim o poema de Armênio, referindo-se ao “Polifonte”, um alienado, que “não tem pátria, por opção. / Tanto se lhe dá que faça sol / ou caia neve, nada o aquece / ou arrefece. Até gosta de Pasárgada, / que, entre outras coisas, / é o melhor sítio do mundo / para se andar de burro.” (Vieira, 1980:520)

poesia: “uma outra terra dentro da nossa terra / da ilha de todos os poemas / pasárgada / de carne e espírito saciados” (Sant’y Agu, 2008: 25-26).

Em *Cabo Verde: Antologia de Poesia Contemporânea* (2011), organizada por Ricardo Riso, Danny Spínola, mostra em “Pasárgadas de Sol”, a criação poética como uma tensão entre eu-externo e eu-interior, sempre em imagens extraídas da ambiência cabo-verdiana: “Como água e como sol que somos,/ De nós mesmos nos alimentamos e procriamos / inventando cascatas de água em inóspitos desertos / construindo pontes, jangadas, céus e paisagens mil”. A poesia é, nesse meio, um momento de suprarrealidade, que eclode “do longínquo aceno dos delfins, / Das suas acrobacias e das suas estranhas e místicas melodias / em eterno e terno convite à paixão lunar do meio-dia em Pasárgadas de sol” (Spínola, 2011: 28).

No entanto, apesar de todos esses exemplos apontados em dois artigos, frutos de investigação tão atenta quanto apaixonada, não mencionei, no trabalho publicado em *Brasil/Brazil*, que trata da interlocução dos poetas portugueses com Bandeira, quatro outras: o parentesco entre o “Vou-me embora pra Pasárgada” e o “Saudades de Melquisedeque”, de Rui Belo, para o qual chama a atenção Manaíra Aires Athayde (2013:11-56); a admiração de Cristovam Pavia, que dedicou ao poeta brasileiro “Havia Grandes Tílias Aromáticas”, no n.º 3 da *Távola Redonda*, e incluiu o nome de Manuel Bandeira no corpo de dois poemas: «Avariação» (*Poemas Esparsos*) e “Livre Lengalenga a um Poeta e Invocação” (*Poesia*); e os diálogos que José Blanc de Portugal manteve com o poeta de “Pasárgada”.

3 Bandeira em Blanc

3.1 Pasárgada

Numa carta que me enviou a 3 de março de 1975, Blanc de Portugal incluiu um poema e um bilhete onde informava já tê-lo escrito há tempos no Rio de Janeiro. Dizia assim:

Não quero ir para Pasárgada:
Lá o Rei é meu amigo;
Tenho de gramar-lhe as confidências todas
E quer-me deitar com as mulheres que entende
Servirem-me de tranquilizantes.
Quero correr outro perigo.

Dantes
Aceitava as receitas de qualquer;
Agora não é quem quer
Que me impinge e estende
a passadeira de veludo p'ra palácio.

Vá o Rei beber da merda
Com toda a sua amizade
E fico a ganhar co'a perda
Se me mandar p'ra onde há-de
Nada ser como ele supõe
Que dá a felicidade
Àqueles de quem dispõe
Como se fosse verdade
Ser o que lhe dá prazer
O que faria viver
Felizes os seus amigos.

Eu sou amigo do Rei
Por isso é que não porei
Mais os pés em seus domínios.
Deixa de ser meu amigo?
Pois dele é que tenho pena
E seja o que Deus quizer [*sic*]:
Lixo-me com quem eu queira
E não com quem ele quizer [*sic*].”

A paródia aos versos de Bandeira segue uma das facetas do poeta Blanc de Portugal. Afinal, num outro poema que me enviou de Lisboa, datado de 3 de agosto de 1985, ele usa o mesmo meio de expressão para com versos de Fernando Pessoa: “o poeta é um abusador [...] que quase julga um favor / roubar o que é doutra gente”, concluindo que “ama tanto o roubado / como aquele a quem roubou”. Ora esses versos traduzem, de forma jocosa, o pensamento de Linda Hutcheon de que toda referência é uma reverência.

Seguindo a sua vertente insubordinada e também corrosiva, Blanc de Portugal recusa Pasárgada como o lugar ideal, não propriamente o de evasão, como o entenderam Bandeira e os cabo-verdianos da *Claridade* e mesmo os da *Certeza*, que o rejeitaram por o lerem como uma fuga aos problemas das ilhas, ou ainda como o perceberam os poetas de Cabo Verde na atualidade, para quem Pasárgada se tornou uma espécie de mote. Numa atitude semelhante à de José Régio, mas muito sua, de uma independência total, de quem tem horror a seguir o “rebanho”, Blanc lê o ser amigo do Rei como forma de tutela e Pasárgada como um lugar de prazeres limitados pela vontade de outrem. Assim, de lugar

de evasão passa ela a lugar de prisão, pois, como diz o poeta português num outro poema:

Parecem livres as nuvens
mas o sol e o vento as dirigem
Livre é o homem que com elas se parece
mas vagueia sem que
sinta precisar de saber
para onde vai, nem sequer
escravo da sua vontade.
(Portugal, 1997: 9)

Aliás, “O que é ser livre?” é a pergunta-mote de um outro poema de Blanc em *Quaresma Abreviada*.

3.2 De notícia a poema

Outro texto em que José Blanc de Portugal dialoga com Manuel Bandeira é “O brinquedo perigoso ou os pingentes da Piedade”. Nele se pode perceber como matriz o “Poema tirado de uma notícia de jornal” (Bandeira, 1958: 154, v.2): a mesma inspiração no que foi lido num periódico, a mesma menção ao humilde (e, no caso, trágico) cotidiano. Bandeira se baseia na notícia saída em *Beira-Mar* em 25/12/1925³; Blanc, nos comentários ao que é publicado em *O Globo*, de 30/5/1974⁴, não sem antes imprimir ao poema o catolicismo que marca sua poesia:

Todos caímos de comboios que se cruzam
Como os pingentes dos trens da Piedade
- O nome da terra lhes deu a última verdade:
O fim das vidas que pouco ou muito se usam.

O jogo de viver e morrer a pontapés
Começa cedo já: dentro do ventre materno
Senhor Cristo que é do vosso Lava-pés?
Assim tereis salvo anjos do Inferno? (Portugal, 1997: p.)

³ “Teria sido suicídio?” In: *Beira-Mar*. Copacabana, Leme, Ipanema, 25/12/1925, ano IV, n.74, p. 3. Informação encontrada e verificada a partir de declaração do Professor Heitor Ferraz Mello, em <https://www.youtube.com/watch?v=BvrJUa0Oj-8> Consultado a 3 de agosto de 2017.

⁴ O texto de Blanc de Portugal começa assim: “Em 29 de Maio deste ano de mil novecentos e setenta e quatro, na Piedade, Guanabara, encontraram-se dois trens; um, o passador, de Deodoro para o Rio; outro, de tarifa especial, directo, vindo de Nova Iguaçu; ambos se destinavam ao Rio; para D. Pedro II; para a Central. Pontapés entre pingentes que se cruzavam nos trens originaram quedas: 8 mortos e mais de uma dezena de feridos. Os leitores de *O Globo* (5.ª feira, 30-5-1974) opinam sob o título: «O Brinquedo perigoso».” (Portugal: 1986: 55)

Se Bandeira, baseado na notícia, faz uma síntese dela, esvaziando o trágico da morte (que, aliás, também não era sublinhado pelo periódico), Blanc acentua o trágico pelos rápidos comentários que faz ao que dizem sobre o acidente os leitores de *O Globo*, onde esse trágico está ausente. Justifica o que eles escrevem pela idade que têm, pelas profissões que exercem:

Maria Cristina Nogueira disse, bem pensante,
Que “eles” achavam “divertido” e “que se pode fazer?”
Vinte e um anos; é estudante
E não teve mais para dizer.

Manuel de Sousa, aposentado, sexagenário,
Declara que, “no seu tempo”, “não havia disso não!”
“Querem mostrar que são homens, mas, pelo contrário,
Como se homem precisasse mostrar a sua condição”!

Rita de Cássia, dezassete anos, estudante, enfim,
Acha que é “vontade de aparecer. Só pode ser”.
A vida é pra ser mostrada, sim;
Que toda a gente veja o que ela tem pra ver.

Antônio Bento, trinta e um anos, operário,
Nota que “é costume e a viagem fica mais divertida assim”.
Para quê mais um aniversário?
A vida pode ter este ou qualquer fim.

João Luís de Oliveira, comerciante, cinquentão,
Opina que se “malucos” eles parecem ser
É apenas porque eles, “coitados”, não
Têm mais nada que fazer.

Jussara Gomes, dezasseis anos, estudante,
Joga no fulgor da ilusão:
Acha que chega, é bastante,
“No fundo” querem “chamar a atenção”.

Do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Diniz Vieira, de quarenta e oito anos, funcionário é;
E diz apenas dos azares da vida na viagem
Que “falta de atenção das autoridades é que não, não é!” (Portugal, 1986: 56).

Se Bandeira, inaugurando uma nova língua literária, incorpora em seus versos a “língua do povo”, porque ele é “que fala gostoso o Português do Brasil”, José Blanc, acariocando-se, ou melhor, abasileirando-se, deixa-se penetrar pelo Português do Brasil em seu registro popular e escreve, ultimando com uma expressão bastante popular nos anos 70 a adversativa do leitor: “Carvalho, borracheiro, 'inda acrescentou':...«Apesar dos riscos»... — **Falou!**” (PORTUGAL, 1986: 56 – grifo nosso). Aliás, essa incorporação do Português

do Brasil pela poesia do lisboeta pode ser vista também no poema “Confessio quam utilis”, já acima citado: “**Me envergonho não**, querida / de não ter vergonha dos tempos perdidos / que afinal vão salvando a minha vida” (Portugal, 1986: 82 – grifo nosso).

3 Uma tentativa de explicar os diálogos

O que atrai um poeta na poesia de outro? Algo muito diferente do que existe na sua, algo que ambos têm em comum ou algo em que têm ideias opostas.

Não sei se José Blanc, amante e crítico de música, gostou de Bandeira pela musicalidade que o fez parceiro de tantos compositores brasileiros, de Jaime Ovalle a Villa-Lobos. Claro que o escrever na “língua errada do povo/língua certa do povo” foi um fator de atração, assim como a liberdade de escrita, a recusa às artes poéticas, a atenção ao “humilde cotidiano” que informa tantos poemas do brasileiro: é o que se vê na leitura feita por Blanc do “Poema tirado de uma notícia de jornal”. No entanto, a apregoada liberdade/libertinagem (lembremo-nos de que Bandeira incluiu “Pasárgada” em *Libertinagem*, livro de 1930), não é suficiente para José Blanc de Portugal, a quem jamais “empalharão numa Academia” (Portugal, 1986: 80), para quem o homem não deve ser nem “escravo da sua vontade” (Portugal, 1986: 9). Daí a recusa em ir para Pasárgada e em ser amigo do rei. Daí a atração pelo poeta resultar na repulsa que a paródia, neste caso, traduz.

TRABALHOS CITADOS

ALCÂNTARA, Osvaldo. *Cântico da manhã futura*. Linda-a-Velha: Edições ALAC, 1991.

ANÔNIMO. “Vou-memorarapapasárgada...”, 2004. Disponível em: http://portocarago.blogspot.pt/2004_06_01_archive.html, consultado em 8/7/2014.

ATHAYDE, Manaíra Aires. Influências de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto na poesia de Ruy Belo. *Revista do CESP*, jul.-dez. 2013, v. 33, n. 50, p. 11-56.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958. 2.v.

CARVALHO, Mendes de. *Camaleões & altifalantes*. 2. ed. Guimarães: Guimarães Editores,

1982.

CUTILEIRO, João. Três poemas inéditos de..... *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 402, 20- 26 mar. 1990.

ELÍSIO, Filinto. A poesia do reverso (Poesia II). *In: ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (Org.). Mirabilis de veias ao sol*. Praia: Instituto de Promoção Cultural, 1998. p. 231.

FELIPE, Daniel. 'O mito pasargadiano', *in* "Notícias de Pasárgada". *Távola Redonda, Folhas de Poesia*, n. 9, 1950, p. 6.

KNOPFLI, Rui. Terra de Manuel Bandeira. *Mensagem*, n. 5, p. 27, abr. 1958.

LIMA, Mário. *Minhas aquarelas no espaço e no tempo*. Praia: Edição do Autor, 2005.

LISBOA, Eugénio. Recensão crítica a *Descompasso*, de José Blanc de Portugal. *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n. 107, p.77-78, jan. 1989.

LOPES, José António. *As últimas páginas do Apocalipse*. [s.l.]: edição do autor, 1993.

MACEDO, Luiz de. "Pasárgada, cidade eternal". *Távola Redonda, Folhas de Poesia*, n. 9, 1950, p.6.

MORAZZO, Yolanda. *Poesia completa: 1954-2004*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

MOURÃO-FERREIRA, David. 'Nos arredores de Pasárgada', *in* "Notícias de Pasárgada". *Távola Redonda, Folhas de Poesia*, n. 9, 15/12/1950, p.6.

NÉVADA, António de. Vozes em uníssono. *In: FONTES, Francisco (Org.). Destino de bai: antologia de poesia inédita cabo-verdiana*. Coimbra: Saúde em Português, 2008. p. 241-250.

PAVIA, Cristovam. *Poesia*. Lisboa: Moraes, 1982.

PORTUGAL, José Blanc de. *Descompasso*. Lisboa: Moraes, 1986.

PORTUGAL, José Blanc de. *Quaresma abreviada*. Lisboa: Black Son, 1997.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Manuel, bandeira de uma língua: o poeta e os autores africanos lusógrafos. *Estudos Portugueses*, Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, n. 10, p. 223-248, jan.-dez. 2014/jan.-jun.2015.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Manuel, bandeira de uma língua: o poeta e os autores portugueses. *Brasil/Brazil*, Porto Alegre: Associação Cultural Acervo Literário de Erico Verissimo; Providence: Brown University, v. 27, n. 49, p.5-25, 2014.

SANTY AGU, Nzé di. Parábola sobre o castanho sofrimento. *In: FONTES, Francisco (Org.). Destino de bai: antologia de poesia inédita cabo-verdiana*. Coimbra: Saúde em Português, 2008. p. 25-26.

SIMÕES, Fernando. 'A descoberta de Pasárgada', *in* "Notícias de Pasárgada". *Távola Redonda, Folhas de Poesia*, n. 9, 15/12/1950, p.6.

SPÍNOLA, Danny. Pasárgadas de sol. *In: RISO, Ricardo (Org.). Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea*. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012

VIANA, António Manuel do Couto. 'O Calcanhar de Pasárgada', in "Notícias de Pasárgada". *Távola Redonda, Folhas de Poesia*, n. 9, 15/12/1950, p. 5.

VIEGAS, João Belchior. 'As condições econômicas de Pasárgada', in "Notícias de Pasárgada" *Távola Redonda, Folhas de Poesia*, n. 9, 15/12/1950, p. 7-8.

Maria Aparecida Ribeiro doutorou-se em Letras, pela UFRJ, em 1980. Professora da UERJ, por mais de vinte anos, colaborou também com a UFF e com a Uni-Rio. De 1990 a 2012, foi professora da Universidade de Coimbra, onde dirigiu o Instituto de Estudos Brasileiros. Autora de vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, destacam-se entre suas últimas obras: "El Alma Política de Manuel Bandeira- A alma política de Manuel Bandeira". In: HERNÁNDEZ, Ascencion Rivas (Org). *Manuel Bandeira en Pasárgada*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015; "Quando os versos ganham música: a recepção de Bulhão Pato e de um seu poema no Brasil e em Portugal". In: FEIJÓ, Elias J. Torres et al. (Orgs.). *Estudos da AIL em Teoria e Metodologia. Relacionamento das Lusofónias*. Coimbra; Santiago de Compostela: AIL, 2015. v. 2, p. 39-48; "A narrativa e o teatro em Minerva Brasiliense: entre a marca nacional e o modelo francês". In: NEVES, Lucia Maria P. das; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal (Orgs.). *Minerva Brasiliense: leituras*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2016. p.135-156.; "Quando os poetas se encontram: Martins Pena, Cecília Meireles, João Cabral e o Cancioneiro Popular Luso-Brasileiro". In: TAVARES, Ana Paula, WEIGERT, Beatriz; LOUSADA, Isabel. *Ensinar o Brasil a toda a gente: homenagem a Vania Pinheiro Chaves*. Lisboa: CLEPUL; Âncora, 2017. p. 533-548; "Sabores do Brasil nos textos barrocos: da originalidade ao clichê". In: IVAN Francisco; MALDONADO, Reny; LIMA, Samuel. *Colóquio Barroco IV*. UFRN, 2017, p. 281-302; "Desventuras e venturas de Suassuna em Portugal". *Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária*. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, v.30, n.1, p. 91-119, jan./jun. 2017.

Artigo recebido em 09/02/2018. Aprovado em 10/02/2018.

Não quero ir para Passargada:
 Lá o Rei é meu amigo;
 Tenho de gramon-lhe as confidências todas
 E quer-me deitar com as mulheres que entendem
 Servirem-me de tranquilisantes.
 Quero correr outros perigos.

Deus
 Aceitava as receitas de qualquer;
 Agora não é quem quer
 Que me impingez e estende
 A passadeira de veludo p'ra palácio.

Vá o Rei beber de mercha
 Com toda a sua amizade
 É firo a ganhar co'a perda
 Se me mandam p'ra onde há-de
 Nada ser como ele supõe
 Que dá a felicidade
 Aquelles de quem dispõe
 Como se fosse verdade
 Sei o que lhe dá prazer
 O que faria viver
 Felizes os seus amigos.

Eu sou amigo do Rei
 Por isso é que não porei
 Meus pés em seus domínios.
 Deixa de ser meu amigo?
 Pois dele é que tenho pena
 E seja o que Deus quiser:
 Vixo-me com quem eu queira
 E não com quem ele quiser.

